

PÁGINAS CURTAS (1929-1932) NA IMPRENSA: EXPERIÊNCIAS ALÉM-MAR DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

PÁGINAS CURTAS (1929-1932) FOR THE PRESS: JÚLIA LOPES DE ALMEIDA'S EXPERIENCES OVERSEAS

Gabrielle Carla Mondêgo Pinto
UERJ

Resumo: Este trabalho busca a análise de parte da coletânea de textos *Páginas Curtas*, escritos por Júlia Lopes de Almeida, escritora, contista, ensaísta e dramaturga; uma das mulheres mais lidas da Primeira República (1890-1930), no período que compreende os anos de 1929 a 1932. O corpus observado para este trabalho constitui-se de 5 textos publicados em 3 periódicos distintos – *A Violeta*, uma revista feminina cuiabana; *Revista da Semana*, periódico ilustrado de variedades, e ainda o periódico *Seara Nova*, publicado em Portugal. Neste sentido, este artigo propõe a observância da projeção de Júlia Lopes de Almeida no cânone literário brasileiro e ainda sua presença em circuitos do impresso pelo Atlântico.

Palavras-chave: Páginas Curtas; Júlia Lopes de Almeida; escrita literária feminina.

Abstract: This paper aims to analyse a selection from the compilation named *Páginas Curtas*, written by Júlia Lopes de Almeida, a writer, essayist and playwright; one of the most read women during the First Republic in Brazil (1890-1930), considering the time from 1929 to 1932. The observed corpus for this paper is formed by 5 texts published in 3 different journals – *A Violeta*, a female magazine from Cuiabá (MT); *Revista da Semana*, an illustrated variety magazine and also *Seara Nova*, a Portuguese journal. For that matter, this article proposes the observance of Júlia Lopes de Almeida's projection within the Brazilian literary canon and moreover, the writer's participation in the Atlantic print matter journey.

Keywords: *Páginas Curtas*; Júlia Lopes de Almeida; female literary writing.

INTRODUÇÃO

O início do século XX demarca um período de significativas mudanças no Brasil. O regime republicano, recém- instaurado, se consolida em diversos aspectos, os quais merecem destaque a urbanização, a industrialização e a conclamação da imprensa periódica, especialmente a carioca e a paulista¹. Como destaca Lamarão (2012), os jornais e revistas imprimiam em suas páginas o

¹Em observância ao expressivo número de periódicos oriundos das regiões, haja vista a projeção territorial do Sudeste como capital cultural da República Velha (1889-1930).

processo de modernização da capital federal – o Rio de Janeiro, e a subsequente extinção de seu aspecto colonial, abrindo espaço para a constituição de um modelo europeu de civilização.

A fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, ofereceu aos escritores a legitimação necessária para a ascensão dos “homens de letras”. A República das Letras², era constituída, em sua maioria, por escritores, poetas e prosadores. Figuras constantes nos periódicos do início do século XX, em razão do que Miceli (2001) aponta como “ofício de escritor”, o jornalismo configurava-se como uma opção viável para aqueles que desejavam viver da pena, ainda que nas redações dos periódicos.

A exemplo de Machado de Assis³, estes escritores assinavam colunas de jornais, editavam e dirigiam periódicos, e até mesmo criavam seus próprios impressos. No entanto, importa-nos trazer a lume a presença das *mulheres de letras*. Embora se trate de significativas contribuições ao cânone literário brasileiro, basta-nos revisitar os clássicos⁴ que tratam da constituição da literatura brasileira e pouco ou nada encontraremos em referência a uma produção literária feminina naquele momento.

Neste sentido, este trabalho propõe a investigação acerca da publicação periódica de uma coletânea de textos, intitulada *Páginas Curtas*, de Júlia Lopes de Almeida. A escritora, uma das mais lidas da Primeira República (FANINI, 2016; ALMEIDA, 2019), celebrada e reconhecida por seus pares não apenas pela extensão de sua obra – foram mais de 20 livros⁵ publicados; ou por sua notável contribuição com a imprensa periódica⁶, mas ainda por sua narrativa consoante às principais temáticas sociais de sua época – a condição da população negra, o feminismo⁷, a desigualdade social, a hierarquia das classes sociais, o papel da mulher, a ecologia, entre outros.

A metodologia utilizada privilegia o cruzamento de fontes, apontado por Burke (2011) como uma forma de evitar o anacronismo, quando na análise de fontes históricas. Nesse sentido, torna-se imperativo o cotejamento de outras fontes para além das páginas dos periódicos selecionados para

² Constituída pelos escritores que tiveram sua intelectualidade legitimada pela rede social na qual estavam inseridos. Um aspecto marcante daqueles que faziam parte da República das Letras é apontado por Miceli (2001), quando o autor evidencia a associação quase que trivial entre literatura e jornalismo, de modo que uma das vias para legitimação era a colaboração com os periódicos da época. Como reforçam Martins e De Luca (2018, p.94): “Escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e até mesmo de poder político”.

³ Além de serem dois escritores amplamente memorados e estudados tanto no âmbito literário quanto no pedagógico, escritores como Machado de Assis e Lima Barreto tiveram uma expressiva participação na história da imprensa brasileira, seja na função de colaboradores com periódicos diversos, seja como críticos literários ou ainda na edição de livros, quando pensamos na carreira de Machado de Assis.

⁴ Destaco aqui os compêndios empreendidos por Bosi (1970) e Moisés (1973), obras de referência para os estudos de literatura.

⁵ Nos limites da pesquisa desenvolvida até o momento sobre a escritora, são mais de 30 volumes, dos quais ao menos 3 se referem a publicações pós-mortis.

⁶ A historiografia aponta mais de 30 periódicos, em especial da imprensa carioca e da paulista. Júlia Lopes de Almeida colaborou com alguns dos mais relevantes periódicos do Brasil à época, dos quais destacamos, para além daqueles que constituem fontes deste trabalho *Gazeta de Campinas* (SP) e *O Paiz* (RJ), *Ilustração Brasileira* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ), *O Imparcial* (BA), *O Estado de São Paulo* (SP), *Revista Fon-Fon* (RJ), *O Malho* (RJ), *A Noite* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *Correio da Manhã* (RJ).

⁷ Vale destacar que, neste momento, as reivindicações das mulheres se constituem em três frentes principais – educação, trabalho e voto.

o trabalho, tais como os escritos biográficos de Júlia Lopes de Almeida, as obras da escritora no recorte temporal adotado (1929-1932) e ainda, outros periódicos.

Na primeira seção deste trabalho tenciona-se a experiência da escrita feminina no Brasil da República Velha, em um momento em que a produção literária se intensifica, especialmente subsidiada pela imprensa. Nesse sentido, busca-se observar a formação do cânone literário e sua lógica de hierarquização, processo que excluiu as mulheres-escritoras.

Em um segundo momento, atentamo-nos a dimensão educativa e modeladora de mentalidades da imprensa periódica, especialmente na Primeira República, quando as escritas patricias e a valorização do nacional estavam em voga.

Para a seção seguinte, apresentamos uma síntese da biografia da escritora, destacando suas principais produções bibliográficas, em especial os anos que compõem o recorte temporal adotado para este trabalho, os anos de 1929 a 1932;

Por fim, buscaremos analisar os textos de *Páginas Curtas*, considerando os aspectos inerentes ao seu conteúdo, às marcas editoriais e sua distribuição nos 3 periódicos selecionados, *A Violeta* (1916-1950), *Revista da Semana* (1900-1959) e *Seara Nova* (1921-).

1) A FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO DA PRIMEIRA REPÚBLICA: ESCRITAS FEMININAS

De acordo com os estudos desenvolvidos por Bloom (2001), a formação do cânone literário opera através das certezas e incertezas dos próprios artistas. Sob esta ótica, a canonização de uma obra literária está mais atrelada a padrões subjetivos do que a própria função sociocultural que da literatura enquanto saber. A ideia de que a eleição do cânone se fundamenta em fatores aquém do *fazer literário*, a exemplo das redes de sociabilidade - apontadas por Sirinelli (1996) como um dos eixos de formação dos intelectuais -, nos permite observar o caráter hierárquico, bem como as relações de poder características de sua formação.

Neste sentido, os grupos marginalizados – a exemplo das mulheres (PERROT, 2017) -, não configurariam a experiência literária de canonização, por conta das relações patriarcais presentes na sociedade. Para Júlia Lopes de Almeida não foi diferente. Fanini (2016) pondera que a escritora, renegada a Academia Brasileira de Letras, fora, contudo, uma das figuras ativas quando da constituição da associação.

Lúcio de Mendonça, um dos fundadores da instituição, pleiteia, em artigo publicado em março de 1906 no *Almanaque Garnier*, a entrada de Júlia Lopes de Almeida para a Academia, ao lado de outras duas escritoras em evidência naquele momento – Francisca Júlia da Silva e Júlia Cortines. No artigo, o autor afirma que elas são “(...) as tres mais notaveis de nossas escriptoras de hoje” e esta notoriedade se justifica pois “ (...) observamos que há nas tres uma feição comum - a índole máscula de seu talento.” (MENDONÇA, 1906, p.246).

Em que pese o tom laudatório de Lúcio de Mendonça, convém salientar a comparação da escrita feminina com a produzida pelos “homens. Ao sublinhar a índole máscula” do talento das três

Júlias, Mendonça traça um padrão de prestígio: ser homem. A adoção de pseudônimos – em geral masculinos – era prática comum entre as mulheres-escritoras do século XIX (HOUBRE, 2002). Na República das Letras, diante do aumento do público de mulheres leitoras, diversas escritoras abandonam seus pseudônimos masculinos e passam a adotar os femininos, ou ainda seus próprios nomes. Júlia Lopes de Almeida adotou 3 pseudônimos⁸ ao longo da sua carreira na imprensa, sobretudo nos textos publicados em *O Paiz* e no *Jornal do Commercio*.

Do outro lado do Atlântico, Virgínia Woolf (1882-1941), romancista inglesa, em *A posição intelectual das mulheres* situa-se contra uma resenha crítica escrita por Desmond McCarthy (sob o pseudônimo de “Falcão Afável”) no periódico *New Statesman*, no qual a inteligência feminina é tida como relativa. O artigo pressupõe a ideia de que as mulheres só eram dotadas de intelecto quando comparadas às manifestações intelectuais masculinas e mais, a educação feminina não traria nenhum tipo de “reparação” a esta condição intrinsecamente feminina. Woolf (2018, p.51) manifesta sua defesa, apontando ser necessário que:

(...) as mulheres tenham liberdade de experiência, possam divergir dos homens sem receio e expressar claramente suas diferenças; que todas as atividades mentais sejam incentivadas para que sempre exista um núcleo de mulheres que pensem, inventem, imaginem e criem com a mesma liberdade dos homens e, como eles, não precisem recluir o ridículo e a condescendência.

Ainda na segunda metade do século XIX, a escrita das mulheres é projetada à luz dos ideais positivistas⁹ que conformavam a época, tendo a educação dos filhos e o bem estar da família como justificativa. Isto é, “as mulheres deveriam ter o mínimo de instrução para a manutenção da ordem familiar, núcleo pelo qual eram responsáveis.” (PACHECO, 2015, p.45) e, desta forma, educação e instrução femininas estavam postas para a manutenção do patriarcado, uma vez que à mulher não cabiam a leitura ou a escrita de páginas de autoafirmação, de consonância e identificação de si com outras mulheres.

A conquista do território da escrita pelas mulheres foi longa e difícil, assim como foi o romper da casa-prisão e da prisão-textual que as confinava tendo por veículo um corpo definido como faltoso, fraco, submetido sempre ao escrutínio dos olhares exteriores, um cérebro tido como não pensante e tendo como instrumento uma linguagem inadequada, pois nela não encontra uma definição de si com a qual possa se identificar. (TELLES, 2012, p.252).

Julia Lopes de Almeida, em *Jornadas do meu país* (1920), retrata o que chama de “Nova Era”, momento em que as mulheres se entregam às atividades inteligentes e úteis. Aponta ainda que toda e qualquer mudança de comportamento da mulher seria revertida como benefício para a família. O direito

⁸ *A. Julinto* – em referência às publicações assinadas com o marido, Filinto de Almeida e *Ecila Worms*..

⁹ Inspirado na corrente filosófica de Augusto Comte, o positivismo destaca-se no Brasil com maior entusiasmo no início do século XX, quando ideais republicanos de nação e modernização estavam em voga. Para os positivistas, a formação do cidadão republicano se daria através da escola, para a imposição de uma ordem social pacífica e evoluída. (ALVES, 2013, p.11)

à instrução não suprimiu, todavia, suas antigas e tradicionais funções - a casa e as atividades do lar, bem como o cuidado e a educação dos filhos. Neste sentido, a escrita de Júlia Lopes, embora concebida no lar, *um lar de artistas*¹⁰, rompe com as limitações das mulheres a seres fragilizados e flutuantes. (TELLES, 2002)

Constitui, no núcleo de sua obra, personagens femininas dispostas a transgredir e conscientes de sua posição na casa e na sociedade. Não obstante, promove o rompimento com a dicotomia anjo¹¹ e monstro, quando se apresenta às leitoras como uma perfeita dona de casa e mãe dedicada; e como sábia conselheira, incorporando a figura de *D. Júlia*, como destacam Rosane Salomoni (2000) e Maria de Lourdes Eleutério (2005). Torna-se, ao longo do século XX, uma das figuras mais admiradas no cenário literário e na imprensa:

A posição ocupada por Júlia Lopes e poucas outras escritoras, na imprensa periódica da época, era incomum. Ela colaborou por muitos anos em um dos principais jornais do Brasil, o republicano e abolicionista *O País* (RJ). Suas crônicas semanais eram publicadas na primeira página do jornal, à esquerda, espaço privilegiado e de grande visibilidade, o que atesta a posição de prestígio e de respeito da autora em ambiente intelectual e literário eminentemente masculino. (Di Stasio, Faedrich e Ribeiro *apud* Almeida, 2016, p. 10)

Souza (2015) salienta que a escrita de Rachel de Queiroz, contemporânea de Júlia Lopes e escritora de prestígio na literatura brasileira¹², também ultrapassou os limites do lar e da vida conjugal; dos relacionamentos e das *vicissitudes* femininas. O engajamento político e social de Rachel de Queiroz é percebido nas suas obras de cunho regionalista, especialmente em *O Quinze*, volume de estimado valor ao cânone literário brasileiro. Nesta lógica, podemos inferir que Júlia Lopes, ao lado de outras mulheres escritoras ressignificaram a escrita feminina, tomando a mulher como ser pensante e lhe atribuindo valor para além da sua projeção como inconstante, estereótipo criado e cultivado em textos de autoria masculina.

2) A IMPRENSA COMO PALCO LITERÁRIO

Os seis textos de *Páginas Curtas* selecionados para este trabalho encontram-se em 3 periódicos distintos – uma revista feminina, uma revista de variedades e uma revista luso-brasileira. Júlia Lopes de Almeida projetou boa parcela de sua produção literária na imprensa. Do total de romances escritos por Júlia Lopes de Almeida, 7 foram publicados nos periódicos sob formato de folhetins¹³, antes de serem editados. O *romance-folhetim*, presente na imprensa brasileira a partir

¹⁰ Em referência ao texto homônimo que compõe o volume “Momento Literário”, de autoria de João do Rio, publicado em 1907.

¹¹ Em referência ao que Woolf (2018) aponta como “Anjo do Lar”, tratando do personagem no poema de Coventry Patmore (1823 – 1896), que celebrava o amor conjugal e idealizava o papel doméstico das mulheres.

¹² A escritora é a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977.

¹³ *Memórias de Marta* (1889); *A família Medeiros* (1892); *A viúva Simões* (1897); *A intrusa* (1908); *Cruel amor* (1911); *Correio da roça* (1913); *A casa verde* (1932)

de 1840, foi um dos fatores responsáveis pelo aumento significativo do público leitor feminino. A fórmula situação dramática, tensões e suspense – mantido sempre para o capítulo seguinte, agradou os leitores dos mais variados periódicos. Como salienta José Tinhorão (1994, p.28)

é do romance – folhetim que se originam as principais características da técnica do romance no Brasil: a constante intervenção do autor no desenrolar das histórias (inclusive dirigindo-se aos leitores em tom de conversa); a extrema complicação dos enredos, num desdobramento linear de quadros em preocupação com a verossimilhança; a finalização de cada capítulo em clima de suspense; e a surpresa da retomada de personagens e situações anteriores em conexão inesperada com ações atuais (chegou a ser lugar comum nas histórias românticas os casos de amor impossível, por descobrirem os amantes – sempre no último capítulo – que eram irmãos).

A imprensa periódica no Brasil, em seus primórdios¹⁴, é caracterizada por se constituir em um campo de *disputas políticas simbólicas*, de instauração da opinião pública (MARTINS e DE LUCA, 2018). Ao longo do século XIX, se consolidou como veículo de comunicação e disseminação de ideias; modeladora de mentalidades. No século seguinte, a imprensa se diversificou, seja no campo ideológico, seja no que tange sua produção e recepção. As taxas de alfabetização e a formação do leitor eram parte das inquietações deste processo de urbanização, de constituição de uma *Belle-Epoque tropical* na capital federal.

Os três periódicos eleitos como fontes para o desenvolvimento deste trabalho, *A Violeta*, *Revista Seara Nova* e *Revista da Semana* compõem o corpus documental que abriga os textos de *Páginas Curtas*. Embora não se trate aqui de um fascículo da história da imprensa no Brasil – é importante forjar um breve estudo analítico das publicações a fim de se possa levantar hipóteses acerca de suas intencionalidades (De LUCA, 2011) e, desta forma, compreender o lugar de onde *Páginas Curtas* se projeta.

Considerada como o primeiro periódico feminista do estado de Mato Grosso, *A Violeta* circulou durante 34 anos, e recebe destaque por se tratar de uma longínqua atividade ininterrupta, característica pouco comum para periódicos femininos na época. Produto do Grêmio Litterario Júlia Lopes¹⁵, a primeira edição da revista data de 16 de dezembro de 1916 e a última, 31 de março de 1950. Sob direção¹⁶ de Maria Dimpina Lobo Duarte e Bernadina Rich, o periódico, grosso modo, tematizava as reivindicações da elite feminina letrada de Cuiabá. Júlia Lopes de Almeida colaborou e “estrelou”¹⁷ a revista ao longo de 16 anos, interrompidos por sua morte, em maio de 1934.

¹⁴ Início do século XIX, marcado pela instalação da Imprensa Régia.

¹⁵ Fundado em novembro de 1916 na cidade de Cuiabá, o Grêmio Litterario Julia Lopes destacou-se por ser uma agremiação composta exclusivamente por mulheres que, além de ser responsável pela realização de festas e promoção de eventos para as sócias, consubstanciou suas ideias e intencionalidades com a criação e financiamento de *A Violeta*.

¹⁶ Maria Dimpina, presidente do Grêmio Litterario Julia Lopes, foi a primeira diretora de *A Violeta*, figurando no cargo a partir da edição 71 (19/08/1920) até a edição 86 (27/10/1921). Bernardina Rich, vice-presidente do grêmio a partir de 1921, assume o cargo a partir da edição 97 (07/09/1922) até a edição 219, de 25 de dezembro de 1934.

¹⁷ Para além dos textos publicados assinados pela escritora, a revista dedicava boa parte de seu editorial à vida e obra de Júlia Lopes de Almeida, patrona da revista.

Fundada por Álvaro de Tefé em 1900, o periódico carioca *Revista da Semana* é memorado como “periódico ilustrado de variedades”, cujas temáticas principais eram a arte a cultura. A revista é celebrada na historiografia da imprensa por sua ampla utilização de fotografias nas chamadas “reportagens fotográficas”, e por seu notável círculo de colaboradores, a exemplo de Olavo Bilac e João do Rio, dois expoentes de seu tempo. A partir de 1915, sob guarda de um novo proprietário, significativas mudanças se apresentam no editorial da revista, como a adoção de um *perfil mais feminino*. Considerada como a pioneira da rainha das bancas, a *Revista da Semana* circula até o ano de 1959, completando a pouco alcançada marca de quase 6 décadas de longevidade.

Idealizada em 1921 por Raúl Brandão, Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, Ferreira Macedo, Jaime Cortesão e Câmara Reys, a revista portuguesa *Seara Nova* destaca-se por sua longevidade – ainda é publicada online – e por sua temática política, ação doutrinal e crítica durante o período conhecido como Ditadura Nacional, em Portugal (1926-1937) Ademais, sublinha-se sua diversidade em termos de segmentos – política nacional e internacional, economia, administração, história, crítica literária, teatro, cinema, ballet, música, educação, cultura, entre outros. Ao longo de quase um século de história, contou com a colaboração de intelectuais nacionais e internacionais, a exemplo de Júlia Lopes de Almeida.

3) A LAUREADA ESCRITORA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Escritora, cronista, dramaturga, feminista, “uma das personalidades mais fascinantes dos anos que compreendem o final do século XIX e o início do século XX.”¹⁸ são algumas das descrições encontradas para o nome da escritora. Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida nasceu em 24 de setembro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro. Seus pais, imigrantes portugueses, viviam com os filhos em uma fazenda no interior do estado de São Paulo. Médico e escritor, Valentim Lopes Vieira colaborava com o periódico *Gazeta de Campinas* onde mais tarde, por seu intermédio, Júlia publicaria suas primeiras crônicas. Em 1886, a família retorna para Portugal e lá Júlia publica, em parceria com irmã Adelina Lopes Vieira, *Contos Infantis*, o primeiro de volumes.

Em 1887 casou com o poeta português Filinto de Almeida, com quem teve 6 filhos. Entre os papéis de esposa e mãe, Júlia Lopes de Almeida exerce também o “ofício” de escritora. Colaboradora assídua em dezenas de periódicos, seu nome passa a fulgar entre os mais prestigiosos “homens de letras”. Salomoni (2005) aponta que é neste momento que a “sábia conselheira” D. Júlia¹⁹ é evidenciada. É a partir da publicação de *A Falência*, em 1901, que Júlia é cotada como uma *respeitável romancista*²⁰. Os lucros obtidos com as edições do romance, contabilizaram, inclusive, a compra²¹ da casa onde o casal morou por 21 anos. (TELLES, 2012)

Reconhecida por sua notória colaboração com a imprensa periódica, rotina que iniciou

¹⁸ Prefácio de *A falência* (ALMEIDA, 2019)

¹⁹ Em referência à posição adquirida de Júlia Lopes de Almeida como sábia conselheira do lar por seus amigos e público.

²⁰ Apontado por José Veríssimo (1977), jornalista, professor, educador, crítico e historiador literário.

²¹ Fanini (2016) em referência às informações cedidas pelo neto da escritora, Cláudio Lopes de Almeida.

ainda na juventude, Júlia Lopes de Almeida apresentou uma produção periódica multidimensional – colaborou em periódicos femininos dos mais diversos; assinou por mais de 20 anos uma coluna em um dos jornais de maior prestígio no país; foi convidada a colaborar na *Revista Feminina* (1914-1936); fundou, em parceria com Cassilda Martins, o periódico *Nosso Jornal* (1919-1920). A lista é bastante extensa e os textos publicados retratavam, especialmente, o ir e devir das mulheres; a educação feminina; o cotidiano; os reflexos da guerra; a república; o direito das mulheres; o voto feminino.

Na década de 1920, Júlia Lopes de Almeida demonstra maior engajamento político, principalmente com a luta pelos direitos das mulheres, em três frentes – educação, trabalho e voto. Como conferencista, ministra a conferência “Brasil”, em Buenos Aires, atendendo o convite do *Conselho Nacional de Mulheres da Argentina*, em 1922. Associa-se a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*, movimento organizado na capital federal e liderado pela sufragista e bióloga Bertha Lutz²² - importante figura na historiografia das mulheres no Brasil.

Em 1925, Júlia Lopes de Almeida muda-se com a família para Paris, local onde uma de suas filhas viaja a estudos. Durante o tempo em que a escritora esteve na Europa, colaborou, além-mar, com periódicos brasileiros. Vale ressaltar que a difusão das culturas europeias e brasileiras em escala transatlântica refletem o que Márcia Abreu e Yves Mollier (2016, p.12) chamam de “constituição da nacionalidade brasileira” que ora se deu por meio dos movimentos de unidade nacional empreendidos no início do século, ora por meio de interações entre os impressos. Sendo assim, podemos pensar que a escrita além-mar de Júlia Lopes ultrapassou os limites da literatura brasileira, favorecendo também a consubstanciação do elemento nacional.

Muitas de suas obras foram antes publicadas em forma de folhetins²³, artifício amplamente utilizado por escritores e editores na Primeira República, como uma forma de atingir o grande público consumidor – as donas de casa, e outros leitores comuns. A escrita de Júlia Lopes de Almeida, “simples e leve” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p.269), convoca seus leitores a aguardar e adquirir a próxima edição. *Páginas Curtas*, coletânea eleita para este trabalho, configura-se igualmente sob o formato de folhetim.

4) PÁGINAS CURTAS E A ESCRITA ALÉM-MAR

Os textos de *Páginas Curtas* eleitos para este artigo apresentam-se nos referidos periódicos – *A Violeta*, *Seara Nova* e *Revista da Semana* – como disposto no quadro 1 abaixo:

²² Embora a bióloga e ativista Bertha Lutz (1894-1976) seja figura essencial na história do movimento feminista no Brasil, não é pretensão tratar de sua trajetória.

²³ Novidade francesa, o romance-folhetim correspondeu a um empreendimento comercial de Émile Girardin para aumentar a venda dos jornais. De acordo com o historiador literário Brito Broca (2000), esse empreendimento de Girardin partiu da observação do grande sucesso dos melodramas nos teatros parisienses.

QUADRO 1 – TEXTOS SELECIONADOS

Título	Ano de Publicação	Periódico
Quem sabe?	1929	<i>Seara Nova</i>
Quod Natura	1929	<i>Seara Nova</i>
Era a fome	1930	<i>A Violeta</i>
Meu amor	1930	<i>A Violeta</i>
Foi Jesus Christo*	1932	<i>Revista da Semana</i>

* Neste trabalho optamos por manter a grafia original das palavras
 Quadro elaborado pela autora

A seleção dos artigos corresponde, essencialmente, a dois critérios aqui adotados: o ineditismo, haja vista que alguns textos de *Páginas Curtas* foram publicados repetidamente em diferentes periódicos e períodos; e ao próprio recorte temporal adotado neste estudo, os anos de 1929 a 1932²⁴, momento em que Júlia Lopes de Almeida colabora com periódicos brasileiros e internacionais, mesmo residindo no exterior.

4.1) PÁGINAS CURTAS E AS CONFORMAÇÕES EDITORIAIS

Embora não tenha sido publicado, *Páginas Curtas* anuncia-se, nas revistas eleitas como fonte desta pesquisa, como inédito e parte integrante de uma obra que estaria sendo preparada pela escritora carioca. Percebemos, nas páginas onde os textos de *Páginas Curtas* são publicados, a presença de uma espécie de texto introdutório, apresentando a escritora, rememorando seus feitos e destacando sua importância para a literatura; e enaltecendo a obra como um verdadeiro “presente” aos leitores que, naquele momento, teriam a oportunidade de ler algo inédito de tão consagrada escritora.

Na edição 176 (30/03/1930) de *A Violeta*, encontramos uma carta da escritora a redação da revista. Entre as motivações para a carta, há a intenção de enviar “dois continhos de um livro todo de páginas curtas, que sairá mais tarde, porque tenho outras obras inéditas à espera da decisão do editor.” (p.3). Escrita em 16 de janeiro de 1930, de Paris, residência da escritora naquele momento, a carta não só oferece ao leitor uma aproximação com a escritora, mas também legitima a apresentação feita adiante pelas editoras como de *Páginas Curtas* como “livro em preparo”. Na página 2 da edição, o texto “Honrosa missiva” demonstra o apreço da revista à escritora:

Linhas abaixo transcrevemos a affectuosa carta que recebemos da illustre patrona do nosso gremio, D. Julia Lopes de Almeida, a laureada escriptora patricia, que se encontra, actualmente, em Paris, tem sempre o pensamento voltado para o nosso gremio, e, em phrases de carinho e animação, traz- nos o conforto suave da sua palavra e do seu exemplo, na luminosa trajectoria que tem sido a sua existencia, toda dedicada às letras, à pátria e à família. A Violeta ufana-se, hoje, em publicar a honrosa missiva e o formoso conto, que formam as paginas de ouro do presente numero.

²⁴De acordo com a pesquisa realizada por Salomoni (2000), Júlia Lopes de Almeida retorna ao Brasil acompanhada do marido em 1931.

Os editores de *Seara Nova* abrem a seção “Páginas Curtas”²⁵, de 08 de agosto de 1929, apresentando a escritora e evidenciando uma escassez de obras de escritores brasileiros no país. Fazem ainda referência à Margarida Lopes de Almeida, filha da escritora e declamadora de prestígio na Europa e no Brasil:

O grande público português sabe que Dona Júlia Lopes de Almeida é a primeira romancista do Brasil: mas a sua vasta obra, infelizmente, é pouco conhecida entre nós. A carestia do livro brasileiro faz com que êle não venha para o nosso país, e ainda se não pensou em organizar as cousas de maneira que se edite aqui uma parte dos escritores do Brasil. Faz a SEARA NOVA votos para que esta situação se modifique, e para que as condições materiais passem a ajudar-nos a encarar tôda a literatura em língua portuguesa como uma única literatura, como é lógico e natural. Se a obra de Dona Júlia Lopes de Almeida não está divulgada entre nós como tanto conviria que estivesse, o público conhece muito bem sua filha, Dona Margarida Lopes de Almeida, a discese que sabe dar a quanta recita muito relevante e plástica expressão. Foram escritas pela tão humana e nobre romancista, para serem recitadas por sua filha, as três²⁶ << Páginas Curtas >> inéditas que nos honramos de publicar hoje.

Na *Revista da Semana* o discurso laudatório permaneceu. Na edição 14 de 1932, o texto, localizado no centro da página, tem a sua esquerda uma nota intitulada “D. Júlia Lopes de Almeida”, acompanhada da foto da escritora, afirmando que “Ilustra este numero da Revista um trabalho inédito de D. Júlia Lopes de Almeida”. Para além de uma pequena revisita a extensa bibliografia da escritora, anuncia que “além de um romance, um volume de poemetos em prosa a que deu o titulo singello Histórias Curtas e que fará parte a pequenina obra prima offerecida hoje aos nossos leitores.” (p.24)

Um aspecto que valida a relevância da colaboração de Júlia Lopes de Almeida para as revistas selecionadas é o posicionamento de Páginas Curtas nas publicações. Uma vez que *A Violeta* tinha na figura da escritora a grandiosa patrona e fonte de inspiração, suas publicações, incluindo os textos *Páginas Curtas*, encontram-se em posição de destaque. Igualmente, *Seara Nova* e *Revista da Semana* o fizeram, como aponta o quadro 2 a seguir:

QUADRO 2 – POSICIONAMENTO DOS TEXTOS SELECIONADOS

Título	Edição	Data	Total de páginas	Localização	Seção
Quem sabe?	173	08/08/1929	16	p.67*	Páginas Curtas
Quod natura	173	08/08/1929	16	p.67	Páginas Curtas
Era a fome	176	30/03/1930	16	p.4	----
Meu amor	182	24/09/1930	16	p.6	----
Foi Jesus Christo	14	19/03/1932	41	p. 24	Notícias e Commentarios

* Corresponde à segunda página da edição, que compreende as páginas que iniciam em 66 até 78 (as duas últimas páginas, que são compostas de anúncios, não apresentam paginação). Quadro elaborado pela autora

²⁵ A seção da revista onde se localizam os textos tem o mesmo nome da obra da escritora, de acordo com os dados catalográficos expostos no acervo da revista portuguesa.

²⁶ Foram contemplados neste trabalho apenas dois dos três referidos textos.

4.2) TEXTOS SELECIONADOS: BREVE ANÁLISE

Consideramos para esta seção a ordem cronológica dos textos selecionados, muito embora trate-se de diferentes periódicos e períodos semelhantes. Esta abordagem objetiva desenvolver os aspectos que entendemos como relevantes na escrita de Júlia Lopes de Almeida entre 1929-1932, pensando as principais temáticas apresentadas pelos textos e pretendendo, nos limites deste estudo, alinhá-los em sua(s) conjuntura(s).

Os dois artigos de 1929, *Quem sabe?* e *Quod natura*, ambos publicados pela *Seara Nova* relacionam-se não apenas por estarem localizados na mesma página, mas também pelas representações femininas que apresentam. No primeiro, acompanhamos o que nos parece ser a primeira parte de um romance-folhetim, no qual os personagens João e Cristina se conhecem ao acaso e as consequências deste encontro, verdadeira obra do destino, só poderão ser conhecidas em um próximo capítulo, já que o narrador finaliza com um questionamento e reticências: “Quem será ele., Quem será ela., Quem fomos nós?...”

“Quod natura non dat, Salamantica non praestat” é um provérbio latino que faz referência às inteligências, atributos e qualidades não adquiridas por meio do estudo; neste sentido, há várias possíveis análises. Em *Quod natura*, texto escrito em memória do provérbio, conhecemos a situação de uma jovem moça, interessada pelo filho do padrasto, cujo casamento está marcado. Antes boêmio e namorador, o rapaz demonstra um “ar sério” quando anuncia o seu casamento. E a jovem, apaixonada, recolhe-se à um momento de reflexão e percebe em si sua condição natural: feia e descontente, desamada.

Cristina e a jovem moça em *Quod natura* abrigam duas representações femininas – aspecto comum na obra de Júlia Lopes de Almeida – a figura da *mulher moderna*²⁷, que passeia nas ruas livremente em busca de um amor, materializada em Cristina: “Chegados ao fim da rua, não sei porquê, voltamos ao mesmo tempo o rosto e contemplâmo- nos um momento que se diria abranger a eternidade. Depois; dobrâmos a esquina e cada qual seguiu o seu caminho.” Em um outro extremo, a jovem moça apaixonada, vive um amor não correspondido, representando a figura da mulher abnegada, tal qual como Nina de *A Falência*, uma personagem conformada como sua situação inferior. Ademais, questões que remetem à puberdade da jovem estão expostas no texto quando a mesma percebe que o amor maternal não lhe era suficiente:

Abraços... beijos... felicitações... e eu
Não tinha voz, sentia uma coisa na garganta; a sufocar-me.
Saíram todos da Sala, num ruído alegre, e então minha mãe veio a mim, tomou
- me nos braços e embalou-me, como quando eu era criancinha... Humilhada,
desesperada, eu incriminava-a com o olhar, por me haver feito tão feia, ao mesmo
tempo que uma força bruta urrava em todo meu ser: “Já não me basta o amor
de minha mãe, já não me basta o amor de minha mãe!

²⁷ Em referência às experiências de modernidade vivenciadas no Brasil do início do século XX.

A fome e a miséria extrema são retratadas em *Era a fome*. A narrativa se desdobra nos relatos de uma criança paupérrima. Sua situação é tão extrema que descobrimos, ao final do texto, que se trata na verdade de um relato *pós-mortis*. Neste texto, a imagem da criança e da mãe são colocadas em lume. A mãe trabalhadora, que não consegue prover o alimento dos dois filhos – um menino de 3 anos e um outro menor, que exerce o papel de narrador.

Os primeiros dias não foram os piores, mas, repentinamente, da pobre teta engilhada e que eu sugava com força, não saía nem gota, e desesperado, comecei a chorar... a chorar,.. Eles também tinham fome. Meu irmão não se contentava com o punhadinho de côdeas secas que a nossa mãe obtinha a trôco de não sei quê.

Sob esta ótica, a imagem da mulher, trabalhadora e provedora, é marcada pela fome e miséria, aspecto não raro às mulheres pobres do início do século, principalmente às viúvas e às mães solteiras. Vale ressaltar que os esforços da escritora para a assistência, promoção e emancipação das mulheres foram significativos²⁸ e, ao iluminar questões sociais que envolviam as mulheres, constituiu uma literatura combativa. A imagem de um bebê que morre por inanição, apesar de perturbadora, era aspecto comum à época. A pobreza extrema de certas partes da cidade não escapou aos olhos da escritora, que fincava sua escrita periódica em aspectos do cotidiano, focando, especialmente, nas mulheres.

Meu amor apresenta a narrativa de um homem, envolvido em uma espécie de amor platônico por uma mulher que, aparentemente, o despreza. Para além da imagem de um amor não correspondido, o texto também se desdobra em mistérios da mente humana, uma vez que o narrador desenvolve certa obsessão e delírios, além de ter alucinações com a mulher amada: “Comecei a não dormir, a mal comer, a não trabalhar, a não viver se não dela; numa obsessão mortal”.

Em um deu seus delírios, o homem apaixonado, desacreditado do amor da amada, que lhe poderia ser negado, entende o silêncio dela como um possível desdém: “Por que não me respondes? A tua impassibilidade será consentimento? (...) Responde, fala, dize a verdade, a verdade!” Por fim, percebe que a amada, em verdade, era surda-muda e por isso não o correspondia. De forma irônica e detalhista, Júlia Lopes apresenta a figura do amor platônico, do sofrimento sentido pelos ultrarromânticos do século XIX. Neste texto, a representação feminina mais uma vez é colocada em evidência e temos a personagem da musa, de beleza extraordinária e inatingível. Mas sem falar uma só palavra.

O último dos textos propostos para este trabalho, *Foi Jesus Cristo*, contrário à temática da maioria dos eleitos, não amplifica o amor entre homem e mulher. De forma díspar, aborda o amor, através da crença na religião cristã. A narrativa, a mais longa das 5, faz alusão a um pensamento:

²⁸ A exemplo de seu ingresso e participação ativa na Legião da Mulher Brasileira (1919), entidade de assistência social às mulheres menos abastadas, entre outros.

“com o coração não se brinca”. Através de uma analogia entre o coração humano e o coração de um animal – a ovelha – o texto demonstra tratar de valores morais e humanos, especialmente o respeito à vida – humana ou animal; e a tomada da fé como verdadeira experiência de mudança:

O pobre musculo denegrado fizera-se transparente como o um crystal e iluminado por uma doce luz interior. Os desgostos por que a ovelha tinha passado appareciam agora representados por pequenas imagens vivas e sucessivas.

(...)

Commovidos, os rapazes ergueram a cabeça e viram que o homem dos olhos tristes tinha a fronte circumdada por um halo luminoso. E, tendo Elle desaparecido como apparecera, os pequenos ajoelharam, compenetrados: - Foi Jesus Christo! Foi Jesus Christo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou trazer a lume alguns textos da obra inédita e incompleta de Júlia Lopes de Almeida, intitulada *Páginas Curtas*. Os textos selecionados estão inseridos no recorte temporal adotado (1929-1932) e nos periódicos *A Violeta*, *Revista Seara Nova* e ainda na *Revista da Semana*.

Os três periódicos guardam em si especificidades que convergem, em certa medida, com os próprios textos de *Páginas Curtas*. A escrita de Júlia Lopes de Almeida, figura consagrada na literatura brasileira do início do século, é memorada como uma escrita do cotidiano, das representações de mulheres e família da sociedade brasileira. Mesmo com notória posição na República das Letras, sua inserção no cânone literário foi uma realidade que não experimentou em vida.

Suas colaborações além-mar evidenciaram o circuito dos impressos pelo Atlântico. Neste momento, observamos que a escritora se propõe a colaborar com as revistas que já recebem seus textos e com um periódico internacional, *Seara Nova* para a divulgação de sua obra inédita.

Páginas Curtas, nos 5 textos eleitos para este artigo, exprimem diferentes facetas da modernidade da capital cultural brasileira – Rio de Janeiro- , ao abordarem diferentes representações de mulher, as condições da população em vulnerabilidade e ainda quando inculcam elementos religiosos à sua narrativa. Grosso modo, *Páginas Curtas* se apresenta ao leitor ora como pequenas lições do *dia-a-dia*, ora como capítulos de uma história de amor.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. (2016). *Romances em movimentos: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp.

ALMEIDA, Júlia Lopes. (2019). *A falência*; prefácio de Luiz Ruffato. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.

- _____ ; VIEIRA, Adelina Lopes (1886). *Contos infantis*. Lisboa: Typografia Mattos Moreira.
- _____ (2016). *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Angela di Stasio, Anna Faedrich, Marcus Venício Ribeiro, organizadores. Rio de Janeiro: FBN, Corredoria de Editoração.
- _____ (1920). *Jornadas no meu país*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- _____ (2013). *Pássaro tonto*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- ALVES, Cláudia (2013). Positivismo no século XIX. In: *Revista Encontros com a Filosofia*, ano 1, n.2.
- BLOOM, Harold (2001). *O cânone ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva.
- BOSI, Alfredo (1970). *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- BURKE, Peter (Org). Tradução de Magda Lopes (2011). *A escrita da história; novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP.
- DE LUCA, Tania Regina (2011). *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: UNESP, 2011.
- _____ (2018). DE LUCA, Tânia; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes (2005). *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: TopBooks..
- FANINI, Michele Asmar. (2016). *A (in)visibilidade de um legado: seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida*. São Paulo: Intermeios; Fapesp.
- Houbre, Gabrielle. (2002). A belle époque das romancistas. *Revista Estudos Feministas*, 10(2), 325-338. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200004>
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia de. (2018). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- MENDONÇA, Lúcio de. As três Júlias. A. B. G. 06 de março de 1907, p. 246-249.
- MICELI, Sergio.(1977). *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- _____ . (2001). *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia.(1973). *História da Literatura Brasileira – prosa de ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MOISÉS, Massaud. (1973). *A criação literária*. São Paulo: Editora Melhoramentos.

LAMARÃO, Sérgio T. de N. (2012). As revistas como fonte para a história da cidade do Rio de Janeiro. *Revista Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro*, n.6.

PACHECO, Gabrielle Carla Mondego. (2015). *Os deveres do pequeno cidadão em Alma Infantil: versos para uso das escolas (1912)*. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PERROT, Michele. (2017). *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra.

RIO, João do (1907). *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *Sob o olhar do narrador: representações e discurso em A Silveirinha, de Júlia Lopes de Almeida*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. *A escritora/os críticos/a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. (Tese Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

SIRINELLI, Jean –François.(1996). Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ/ Ed FGV.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos. (2015). *O feminino, a formação identitária em As Três Marias, de Rachel de Queiroz (1939)*. Monografia – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TELLES, Norma.(2012). *Encantações. Escritoras e Imaginação Literária no Brasil, de Norma Telles*. São Paulo: Intermeios.

TINHORÃO, José Ramos (1994). *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades.

VERÍSSIMO, José (1977). *Estudos de literatura brasileira. 5ª serie*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

WOOLF, Virginia. (2018). *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIV, n.176, 30 de março de 1930.

A VIOLETA: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. (MT). Ano XIV, n.182, 24 de setembro de 1930.

SEARA NOVA (PT). Ano VIII, n.173, 8 de agosto de 1929.

REVISTA DA SEMANA (RJ). Ano XXXIII, n.14, 19 de março de 1932.

Gabrielle Carla Mondego Pacheco Pinto

Professora de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (SME-RJ).
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ). Sua pesquisa tenciona a História da Imprensa Feminina, História das Mulheres, Educação para
mulheres e Primeira República. Email: gabimondego09@gmail.com

Recebido em 15/09/2020.

Aceito em 15/11/2020.